Gustavo Andrada Bandeira[1]

Aquecimento: forma de pensar futebol

Ao longo do século XX, o futebol construiu-se em um importante marcador da cultura brasileira podendo ser entendido como um dos principais símbolos da 'identidade nacional'[2]. O futebol atravessa a construção da identidade brasileira e é uma forma de expressão dessa mesma identidade: "o futebol brasileiro pode (...) dizer algo sobre nós mesmos. Somos, portanto, o País do nosso futebol, dos nossos clubes, torcedores, dirigentes, jogadores e assim por diante" (DAMO, 2002, p. 152).

Existem aqueles que entendem que o futebol é um assunto menor. Que é apenas um jogo e que deve ser entendido como uma brincadeira. Não estou certo de que o futebol deva ser encarado como um simples espaço lúdico, mas não é isso que me preocupa. Penso que no futebol encontram-se "algunas de las operaciones narrativas más pregnantes y eficaces para construir identidades" (ALABARCES, 2006, p. 149). Sendo apenas uma brincadeira ou um esporte profissional muito sério, o futebol produz, e de formas bastante significativas, identidades, diferenças e sentimentos de pertença.

Arlei Damo radicaliza a importância do futebol na construção das identidades dos meninos no Brasil,

> (...) o futebol cumpre a mesma função significante do vestuário, especialmente para os brasileiros do gênero masculino. (...) Em um país que a rua é um espaço privilegiado na socialização dos meninos e que o futebol é uma das brincadeiras preferidas, desdenhá-lo equivale a andar nu. (2002, p. 11).

O futebol é um fenômeno muito mais significativo que um jogo de noventa minutos cercados por quatro linhas. Ele é um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, modos de ser e estar no mundo. Esses comportamentos são representados e experimentados de forma diversa em função do contexto em que estiverem sendo vividos. Falar do futebol brasileiro, ou de futebol brasileiro, é falar de uma forma específica de futebol e muito mais do que isso é falar de um específico jeito

[1] Pedagogo, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[2] Utilizo aspas simples no texto quando procuro fazer algum destaque ou utilizar as palavras com outros

sentidos que não os convencionais; o uso de aspas duplas aparecem quando utilizo citações, palavras e/ou expressões de outros autores.

de entender futebol, de representá-lo e, ainda, é falar de um modo de se constituir como 'gente' ou como homem por meio dele.

Nesse estudo, penso o futebol como produtor de marcas culturais. Esse esporte aproxima e distancia os sujeitos, faz circular diferentes emoções. Através dele, se produzem unidades e conflitos que não são mantidos, necessariamente, em outros contextos. Com esse entendimento do futebol como um campo que possui alguma autonomia, me permito pensar em uma cultura de futebol, talvez melhor entendida como uma cultura de futebol brasileiro. Obviamente, esse esporte não se dá fora de nossa cultura (ou o que conseguimos nomear assim) e não deve ser pensado fora de uma conjuntura histórica.

Esse trabalho é um desdobramento de minha dissertação de mestrado[3] em que investiguei um currículo de masculinidades dos torcedores nos estádios de futebol em Porto Alegre, observando os estádios do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Olímpico Monumental) e do Sport Club Internacional (José Pinheiro Borda)[4]. A partir dos estudos de gênero pós-estruturalistas e dos estudos culturais procurei observar as diferentes representações de masculinidades nos estádios e ver de que forma essas são hierarquizadas.

Os estádios de futebol exercem uma pedagogia, é necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir... O conceito de currículo da ciência pedagógica pareceu-me produtivo para pensar as práticas exercidas nos estádios de futebol. O currículo não foi aqui entendido como um caminho de início, meio e fim, onde os sujeitos sairiam de uma condição de não aptos até um lugar onde seriam diplomados e dali em diante poderiam exercer a condição de homem ou de torcedor em qualquer contexto cultural. O currículo seria mais bem entendido se pensado como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer.

Nesse recorte pretendo destacar como as emoções, em especial o amor, circulam nos estádios e como elas atravessam as construções de masculinidades dos torcedores. É recorrente em nossa cultura um entendimento de que sentimentos e emoções como o amor sejam algo natural, inato. As emoções em muitos casos são narradas como

[3] "Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol", defendida em março de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profª Drª. Guacira Lopes Louro.

[4] De agora em diante, me refiro aos clubes apenas como Grêmio e Internacional e aos estádios Olímpico e Beira-Rio.

condição de humanidade. Quem não possui os sentimentos adequados frente a um determinado fenômeno poderá ser adjetivado em casos mais graves de monstruoso. Ao mesmo tempo, o controle das emoções é recheado de valores positivos dentro de diferentes modalidades discursivas, desde o cristão que não se deixa cair em tentação até o centroavante que não teme o estádio cheio na hora da conclusão a gol.

Não entendo as emoções ou o amor como estados subjetivos e privados, mas como práticas discursivas envolvidas em relações de poder. As emoções são importantes no pertencimento dos indivíduos as torcidas. Com os sentimentos narrados é possível identificar o que é adequado sentir ou não naquele contexto, incluindo o que é possível de ser entendido como emocionante nos estádios de futebol. O entendimento de que o amor e as emoções não são naturais ou inatas não visa diminuir o envolvimento dos indivíduos ou mesmo as sensações viscerais como os choros, os enjôos ou as tonturas de uma partida de futebol.

Uma estratégia de jogo: a produção do material empírico

Para cada ‘adversário’, ou com cada ‘grupo de jogadores’ um esquema tático mais adequado. Essa metáfora futebolística se aproxima de meus entendimentos sobre a própria noção de conhecimento e da produção do material empírico. Descrevo brevemente quais foram minhas estratégias, que ‘esquema tático’ adotei. De que maneira ‘minha equipe jogou’.

Para localizar-me nesse trabalho, entendo ser necessário marcar desde o início minha vinculação com as torcidas de futebol (uma só, a do Grêmio). Com isso construo uma tentativa de explicitar meu envolvimento com o tema e alguns dos atravessamentos que me possibilitam questionar minhas próprias interpretações, ou mais do que isso, que possibilitem ao leitor ou a leitora agregar a sua interpretação ao material que apresento.

Ter frequentado os estádios dos dois grandes clubes de Porto Alegre constituiu-se em uma escolha acertada para um gremista ‘desde o nascimento’. Mesmo que já tivesse frequentado diversos Gre-Nais (todos no Olímpico) e escutado diversos cânticos da torcida do Internacional, ouvi-los de dentro foi uma experiência bastante distinta. Os cânticos tão comumente escutados no Olímpico adquiriram outro sentido no Beira-Rio. Definitivamente, cantar ou escutar o mesmo cântico são experiências bastante distintas. Entre as escolhas metodológicas permiti-me fazer alguns usos de etnografia com

observações participantes e construção de diários de campo. Assumi, para além das

transcrições e relações, um esforço em descrever os acontecimentos nos diários de campo (GEERTZ, 1989).

Não pretendi investigar as torcidas da dupla Gre-Nal em qualquer contexto, mas nos dias de jogos, dentro de seus estádios. Christian Bromberger salienta que durante as partidas (ou outros eventos esportivo) aparecem "as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...)" (2008, p. 241). Entendo os estádios de futebol como instituições que possibilitam determinadas práticas e não outras. Procurei visualizar nesse contexto as ações que produzem determinadas representações de masculinidades por esses sujeitos coletivos: 'torcida do Grêmio' e 'torcida do Internacional'. Quais as emoções são possíveis, permitidas e desejadas nesse ambiente.

Arlei Damo (2006) entende que o futebol se divide em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados. Os profissionais seriam os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público que pode ser dividido em diferentes formas: se frequentam ou não os estádios; que locais dos estádios frequentam; se assistem aos jogos sozinhos ou em grupos; seu interesse ou envolvimento durante as partidas. Os dirigentes podem ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou as federações. Os mediadores especializados (ou simplesmente especialistas) são profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos como a televisão, rádios, jornais impressos e internet. Eles podem ser profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de 'explicar' os eventos para o público que de alguma forma não seria 'apto' a lê-los sozinho. Essas quatro categorias de agentes podem ser borradas em diversas situações. Para não ficar apenas com as impressões dos torcedores, pareceu-me produtivo analisar jornais da cidade de Porto Alegre, nos dias de jogos e posteriores, com objetivo de observar como os mesmos 'preparam' o ambiente do estádio de futebol e depois como interpretam os fenômenos que lá ocorreram.

A seleção desses diferentes materiais, as manifestações das torcidas nos estádios e os textos veiculados em jornais, pretendeu representar diferentes vozes desse contexto. A ideia foi partir desses diferentes olhares para produzir outro olhar sobre as

representações de masculinidades, amores e emoções que ali apareceram.

As emoções nos estádios de futebol

No caso do futebol brasileiro (e talvez em outros contextos) a forma mais comum de participação nesse evento esportivo, especialmente para quem (assim como eu) está próximo do grau zero da competência esportiva, é através da torcida por um clube x ou y. O sujeito se vincula ao clube por aquilo que Arlei Damo chama de clubismo, um "sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva dos torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento" (2006, p. 41). Segundo esse autor, é essa comunidade de sentimento que ensina uma percepção estética do jogo de futebol que, conforme ele afirma, é caracterizada pelo engajamento. O autor entende que existe uma diferença entre o estádio de futebol e o cinema ou o teatro, pois no estádio o objetivo não é a fruição do jogo, mas torcer por seu time.

As emoções e os sentimentos são importantes para entendermos as possibilidades de pertencimento dos indivíduos as torcidas. Com os sentimentos narrados (ou cantados) é possível identificar o que é adequado sentir ou não naquele contexto, incluindo o que é possível de ser entendido como emocionante nesse contexto cultural específico.

Nesse estudo, sentimentos e emoções não são entendidos como possibilidades inatas, "não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação" (MAUSS, 1979, p. 147). Essa perspectiva auxilia no entendimento de que essas emoções presumem uma inscrição em uma comunidade de sentimentos, sentimentos esses que são aprendidos em processos pedagógicos. Esse aprendizado, inclusive, é avaliado, exige certa contrapartida, feita em ocasião das partidas.

Curiosamente, nos estádios de futebol, contexto de intensa homofobia e violência potencial, aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos e de afetos masculinos. Formas de afeto ambíguas são, nesse contexto, permitidas. "É pelo futebol que o homem chora, sem nenhuma vergonha, pelas conquistas e derrotas do time" (MORATO, 2005, p. 75). Os gritos de "te amo" dos estádios são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa. Como toda produção identitária, a do torcedor de futebol também é múltipla, fragmentada e provisória. A

masculinidade que ali se constrói também possui marcas particulares (algumas das quais

talvez pouco coerentes com o modelo usual da 'masculinidade hegemônica'). Com essa 'incoerência', de alguma maneira, é possível perceber como as masculinidades são múltiplas e cambiantes e como qualquer marcador identitário pode ser assumido em determinado momento para ser rejeitado em outro. No mesmo contexto em que se ressaltam a virilidade e uma possibilidade de confronto violento, se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outras esferas da cultura.

Elaine Silveira entende que "há um homoerotismo forte e inconsciente nos esportes de equipe como futebol ou rúgbi" (1999, p. 61). No dia 10 de março de 2008, Zero Hora publicou uma foto de dois jogadores do Internacional abraçados e destacou na legenda como essa ação parecia pertinente nesse espaço, "Orozco comemora o gol do amigo Magrão dando-lhe um abraço por trás, uma imagem que virou comum nos gramados"[5] (2008, p. 7). Mesmo "comum" essa ainda é uma imagem que merece destaque. Penso que as duas definições acima, da pesquisadora e do jornal, são um pouco apressadas. Entender algumas demonstrações de afetos masculinos como homoerotismo é, talvez, uma tendência da análise que, na maioria das vezes, parte de perspectivas feministas (assim como a minha) bastante atravessadas por estudos de gays e de lésbicas. O contato físico entre homens não é necessariamente homoerótico, talvez os olhares lançados para essas práticas que a leiam dessa forma. A conclusão de permissividade dada ao abraço dos jogadores do Internacional não está incorreta. Acredito, porém, que se o abraço fosse dado em outro momento que não o do gol, ele não seria tão permitido assim. Se os jogadores abraçados fossem da equipe adversária provavelmente seriam alvo de manifestações homofóbicas. Conseguiríamos ver esse abraço "que virou comum nos gramados" entre jogadores de clubes distintos?

Para além dos atletas, as representações amorosas também aparecem nas arquibancadas e cadeiras. Os torcedores do Grêmio cantam e dançam a música Pingos de Amor: "A vida passa eu telefono e você já não me atende mais (Grêmio! Grêmio!)/ Será que já não temos tempo nem coragem de dialogar... (Grêmio! Grêmio!)/ Ainda ontem pela praia alguma coisa me lembrou você! (Grêmio! Grêmio!)/ E veio a noite namorados se beijando e eu estava só... (Grêmio! Grêmio!)/ Vamos ser, outra vez nós dois.../ Vai chover,pingos de amor!/ Ôôôôôôô!/ Laialaialaialaialaialaialaialaiaaaa

[5] Para diferenciar as citações da bibliografia teórica do material empírico, optei por colocar o material produzido na pesquisa em itálico.

(Grêmio! Grêmio!)/ Laialaialaialaia laialaia laialaiaaaa (Grêmio! Grêmio!)"[6]. Penso que algumas dessas ações produzem um deslizamento entre o permitido e o proibido em contextos de masculinidades heterossexuais. Essas representações de amor não são exatamente coincidentes com as expectativas de masculinidades tradicionais como encontradas nos estádios, especialmente se entendermos que a expressão das emoções são associadas às construções de feminilidades (ALMEIDA, 1995). Historicamente, "aqueles homens que foram muito influenciados por tais ideias de amor foram isolados da maioria como sendo 'românticos', em um sentido peculiar desse termo. Eles são, digamos assim, sonhadores adamados que sucumbiram ao poder feminino" (GIDDENS, 2003a, p. 70).

No futebol o homem jura amor eterno a um clube. O amor pelo clube obedece a algumas regras do amor romântico e não pode ter fim. Algumas canções das torcidas fazem "a vinculação do amor-paixão-sacrifício (...) associado a ideia de que o amor verdadeiro jamais acaba" (FELIPE, 2007, p. 33), "Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina/ É tricolor, e dale tricolor"; "Colorado é coração./ Trago, amor e paixão./ Pra sempre Inter!".

O amor romântico, historicamente construído como vinculado ao feminino e à intimidade, aparece legitimado no espaço do torcedor de futebol. Elsa Ruiseñor (2006) destaca que o amor, a intimidade e os afetos quase não são estudados pelas ciências sociais associados às práticas masculinas, uma vez que têm sido entendidos como próprios das mulheres. A fidelidade ao clube também obedece a regras de que um amor verdadeiro nunca termina. "Sou Colorado e nada muda este sentimento /Porque é nas más que eu demonstro que te amo igual". O amor de um gremista ou de um colorado supostamente também jamais será entendido ou 'sentido' do mesmo modo por outro torcedor. "A vivência amorosa é de tal ordem que o sujeito tem a pretensa ilusão de que nunca ninguém foi ou será capaz de sentir o amor com tamanha intensidade, força e dedicação" (FELIPE, 2007, p. 38), como por exemplo, no cântico da torcida do Grêmio: "Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão".

Além das representações mais românticas do amor, podemos encontrar na sua experiência de amor apaixonado uma transformação ou uma alteração. O amor apaixonado pode ser um dos elementos componentes que transformam os diferentes

[6] A forma gráfica como escrevi as letras dos cânticos é igual a dos sites das torcidas Popular do Internacional (http:// www.guardapopularcolorada.com/) e Geral do Grêmio (http://www.ducker.com.br).

sujeitos que frequentam os estádios de Porto Alegre, em gremistas ou colorados. Essa transformação mudaria as expectativas ordinárias, alterando a relação dos sujeitos com o tempo e o espaço, sugerindo mesmo um maior número de possibilidades de rompimento com leis e normas. "O envolvimento emocional com o outro é invasivo - tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais. O amor apaixonado tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor" (GIDDENS, 2003b, p. 48).

O próprio ambiente festivo dos estádios, a festa da torcida e a ingestão de álcool podem ser utilizadas como justificativas para essa exaltação de sentimentos.

> O álcool pode ajudar à sentimentalização. Aqui dá-se a possibilidade de exteriorização poética ou cantada de emoções normalmente consideradas feminilizantes, como o amor, a saudade, a caridade e a compaixão. Se a situação for particularmente festiva, pode-se verificar uma atmosfera que se aproxima do carnavalesco, a qual, no Carnaval propriamente dito, pode assumir a forma de travesti (ALMEIDA, 1995, p. 65).

"Inter, estaremos contigo./ Tu és minha paixão./ Não importa o que digam/ Sempre levarei comigo:/ minha camisa vermelha/ e a cachaça na mão!/ O gigante me espera/ para começar a festa!/ xalaialaiaa .../ você me deixa doidão./ xalaialaiaa .../ Inter do meu coração"; "E dale daaaale Tricolor/ Eu sou borracho sim senhor/ E bebo todas que vier/ Eu sou do meu Tricoloooor/ Meu único amor".

A vinculação entre torcedores e seus clubes ultrapassa em muito os jogos de futebol. Fazer parte de uma torcida pode vincular os indivíduos a um histórico familiar ou regional. A existência de um sentimento parece legitimar a relação dos indivíduos com os clubes assim como atravessa a construção de masculinidade dos torcedores.

Um engajamento pela emoção

Ao longo do texto procurei apresentar algumas características que produzem um contexto de emoções nas torcidas de futebol. Nos estádios, o torcedor precisa engajar-se em uma comunidade afetiva para responder afirmativamente a estética do local. Nesse engajamento, produz-se uma identificação que transforma os outrora indivíduos múltiplos em torcedores de seus clubes. Não como um processo de homogeneização, mas em um ambiente em que o marcador 'torcedor' assume uma relevância preponderante em relação aos demais atravessamentos dos sujeitos.

O amor dos torcedores de futebol, especialmente dos torcedores de estádio, é um

amor específico, um amor em atuação, um amor cantado, narrado e sentido de forma

coletiva. Os torcedores amam junto, os torcedores amam com seus familiares, amam entre homens. Amam o clube, o time, os jogadores e a própria torcida. É um amor que poderia ser aproximado ao amor a pátria, mas que também segue regras de um amor heteronormativo de casal. E como todo amor, não traz garantia de felicidades. O time poderá não corresponder ao amor quando não trouxer as vitórias (a devolução mais comumente mensurada dos clubes para os torcedores), mas isso não diminui em nada a lógica do amor. No período do Romantismo, o entendimento de que amar é sofrer estabeleceu-se como condição do amor, quem não quisesse sofrer, não deveria amar (COSTA, 1998). Só se emociona com uma vitória, o torcedor capaz de sofrer com uma derrota.

Do mesmo modo que os torcedores aprendem diferentes representações de masculinidades e que ações são adequadas para um torcedor nos estádios, eles também aprendem o que sentir. Esses sentimentos são reforçados e reafirmados nos jogos o que possibilita a ideia de uma breve unidade produzida nos estádios de futebol durante as partidas. Amar ao clube é pertencer a uma comunidade afetiva, é demonstrar a eternidade do amor, é ser melhor torcedor por amar mais o seu clube que o torcedor adversário. Dentro da própria torcida, quanto mais apaixonado, o indivíduo poderá requerer a condição de mais torcedor.

No senso comum, quando se pensa nas torcidas de futebol que frequentam os estádios, violência e masculinidade se confundem para pensar nesse local como uma instância perigosa. As emoções poderiam ser entendidas como uma possibilidade privilegiada de resistência contra masculinidades tradicionais e machistas nos estádios de futebol?

Dentro das representações de masculinidades (no caso de meu trabalho, gaúchas) dos estádios, uma situação ‘surpreendente’ é a grande possibilidade de contatos físicos entre os torcedores. Saltos de um lado a outro abraçados, a exposição de determinados corpos (jovens, definidos...) sem camiseta, a emoção e os abraços ‘desconhecidos’ na hora do gol... Os próprios jogadores, que possuem na virilidade um de seus atributos, abraçam-se com frequência. Seria, porém, ingênuo acreditar que existe uma quebra das restrições quanto aos afetos entre homens nos estádios de futebol. Não se abraçam sujeitos tão desconhecidos assim. O amor ao clube é cantado por quase todos no estádio (por uns com maior intensidade que outros), porém os toques parecem mais restritos. É possível visualizar, inúmeras vezes, torcedores que comemoram um gol absolutamente

sozinhos em meio à multidão. Além disso, o abraço do gol não parece possível, por exemplo, entre um torcedor e os vendedores ambulantes dos estádios.

Ao mesmo tempo em que o amor e as emoções são um marcador a mais na construção de representações dos torcedores de futebol, elas também podem reforçar a competição masculina. O amor que resiste a algumas práticas machistas e homofóbicas dos estádios de futebol também hierarquiza as masculinidades. Mesmo que o amor não seja o atravessamento mais significativo da masculinidade do torcedor de futebol, se for para amar, precisamos amar mais que os torcedores adversários para sermos melhores e mais masculinos que eles.

Muitos poderão dizer que o amor ou a paixão cegam os sujeitos frente aos eventos futebolísticos. Porém, é esse amor ou essa paixão que fazem com que os mesmos entrem na lógica do pertencimento, fundamental para a fruição do espetáculo esportivo. “A paixão amorosa cria uma realidade tão real quanto qualquer outra” (COSTA, 1998, p. 198). Procurar um futebol sem esse amor ou colocar os sujeitos ‘amantes’ de seus clubes em um patamar menos nobre é ignorar um dos elementos mais significativos dessa forma de se relacionar com o esporte mais popular do Brasil.

Referências

ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p. 147-164.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. In: Horizontes Antropológicos. Antropologia e esporte. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 14, n. 30, jul./dez. 2008, p. 237-53.

COSTA, Jurandir Freire. Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.

_____. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como galmourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. et al. (Org.). Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 31-45.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 13-41.

GIDDENS, Anthony. Amor, compromisso e o relacionamento puro. In: _____. A transformação da intimidade. São Paulo: UNESP, 2003a, p. 59-75.

_____. O amor romântico e outras ligações. In: _____. A transformação da intimidade. São Paulo: UNESP, 2003b, p. 47-58.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, Roberto Carsoso de (Org.). Marcel Mauss. São Paulo, Ática, 1979, p. 147-53.

MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO Jocimar (Org.). Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 73-104.

QUE carinho! Zero Hora. Porto Alegre, 10 mar. 2008. Caderno de Esportes p. 7.

RUISEÑOR, Elsa Guevara. Masculinidad, intimidad y políticas públicas. La investigación social: sus aportes, límites y desafíos. In: CARREGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (Coord.). Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía. México: UNAM. Programa Universitario de Estudios de Género, 2006, p. 281-301.

SILVEIRA, Elaine Rosner. “Casa de homens” - O Jogo do Osso e a Masculinidade em Grupos Populares de Porto Alegre.1999. 119 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.